

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”

18 e 30 de Julho de 2025

Unbreakable / 2000

O PROTEGIDO

um filme de M. NIGHT SHYAMALAN

Realização e Argumento: M. Night Shyamalan *Fotografia (scope):* EDUARDO SERRA *Montagem:* Dylan Tichenor *Desenho de Produção:* Larry Fulton *Música:* James Newton Howard *Efeitos Visuais:* Secret Lab *Efeitos Especiais:* Steve Cremin *Direcção Artística:* Steve Arnold *Cenografia:* Gretchen Rau *Ilustrações originais:* Dereck Thompson, Brian O’Connell *Guarda-Roupa:* Joanna Johnston *Design de Som:* Richard King *Misturas:* Allan Byer *Interpretação:* Bruce Willis (David Dunn), Samuel L. Jackson (Elijah Price), Robin Wright Penn (Audrey Dunn), Spencer Treat Clark (Joseph Dunn), Charlayne Woodward (Mãe de Elijah), etc.

Produção: Blinding Edge / Barry Mendel (Estados Unidos, 2000) *Produtores:* M. Night Shyamalan, Barry Mendel, Sam Mercer *Produtores Executivos:* Gary Barber, Roger Birnbaum *Cópia:* 35 mm, cor, scope, 107 minutos, legendada electronicamente em português *Estreia em Portugal:* 26 de Janeiro de 2001 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 24 de Novembro de 2005 (“Grandes Directores de Fotografia do Cinema Português: Eduardo Serra”).

a sessão de dia 18 tem lugar na Esplanada | o texto desta “folha” foi originalmente escrito em 2005 e foi revisto de maneira muito sumária

O PROTEGIDO é um filme de sombras e de fantasmas, na linha de O SEXTO SENTIDO, o filme anterior de M. Night Shyamalan. O ambiente “paranormal” que a imagem traduz na predominância de tons monocromáticos mantém-se, como se mantêm o grande Bruce Willis no papel protagonista, a sua melancolia, e o tema da família como núcleo que é preciso reconstruir. Mantém-se, mesmo, um volte-face narrativo nos últimos minutos, se bem que, ao contrário do primeiro, o final de O PROTEGIDO não provoque um idêntico efeito de surpresa, nem, sobretudo, deixe uma tão forte impressão de estranheza. Podiam manter-se os termos comparativos se a referências fossem SINAIS OU A VILA, os filmes subsequentes de Shyamalan, mas é com O SEXTO SENTIDO que O PROTEGIDO faz *raccord* imediato. Com roupagens de heróis de banda desenhada – o imaginário e o universo estético aqui em causa –, as personagens de O PROTEGIDO são criaturas marcadas por sinais extraordinários, extraordinárias para o bem e para o mal e – como também sucedia com as de O SEXTO SENTIDO – têm de aprender a conviver com essas características que, distinguindo-as, também as afastam das criaturas comuns com as quais partilham os dias. Não é difícil afirmar que por aqui passa uma reivindicação de cinema, por excelência o tempo e o espaço das sombras e dos fantasmas.

Reivindica-se também o extraordinário: “Vivemos numa era de mediocridade. As pessoas perderam a esperança. É difícil acreditarem que tenham algo de extraordinário dentro delas.” A deixa é de Elijah Price, a negra personagem de Samuel L. Jackson e além dos desígnios malévolos ou generosos que o movam enquanto tenta convencer David Dunn (Bruce Willis) dos seus dons especiais, a frase – um “credo!” para as ressonâncias políticas contemporâneas – indica o programa de todo o filme. Tal como o nome da galeria de arte de Elijah, “Edição Limitada”.

O PROTEGIDO narra, então, uma velha história, a do desejo do excepcional. Para a contar, Shyamalan quis forçar os traços e importou a tradição narrativa gráfica dos livros de banda desenhada como um elo perdido da transmissão de histórias cujas raízes são, algures no filme, brevemente associadas aos hieróglifos egípcios. Para que não haja dúvidas, o esclarecimento é dado à partida, com uma primeira legenda estatística sobre a popularidade dos livros BD na América e dos seus coleccionadores fanáticos. Em seguida toma-se um rumo mais preciso, as fábulas dos super-heróis aos quadrinhos, mas no começo está um nascimento incrível, o de um bebé com fracturas múltiplas nas cabanas de prova de uma loja de um Centro Comercial de Filadélfia, em 1974, perante o qual o médico que acode em primeiro lugar manifesta a estupefacção, “nunca vi nada assim”.

Portanto, há a representação do bem contra o mal, logo vista em desenho original, na galeria de arte, e depois transposta para a caracterização “realista” das personagens.

A “Mr. Cristal”, o homem que nasceu partido e cujos ossos se partem a todo o instante, opõe-se David Dunne, o único sobrevivente miraculosamente ileso de uma catástrofe ferroviária. A teoria é obsessivamente defendida pelo “senhor de cristal” que elege David como o seu oposto: se o mundo tem lugar para uma pessoa extremamente vulnerável, terá também lugar, “no extremo oposto do espectro”, para o seu reverso, alguém com poderes de invulnerabilidade. O positivo e o negativo. A imagem e o seu reflexo invertido. O branco e o preto. A bipolarização que permite “o tipo de pessoa de que estas histórias falam”. Mas o caminho não é o das clássicas histórias de banda desenhada em que ao aparecimento do super-herói sucedem demonstrações de super-poderes. Aqui, trata-se, para o “super-herói”, de se entender com a imagem com a qual foi eleito, o que acontece a partir do olhar de outros: o do homem de cristal, que reconhece em si o equilíbrio da própria fragilidade e por aí a justificação da sua existência; e o do filho, à procura de uma imagem paterna de que se orgulhe. Quanto a si mesmo, resta-lhe a revisão incrédula dos indícios de uma história fisicamente incólume, para a qual também precisa de confirmação exterior – a mulher de David confirma não se lembrar de um arranhão; os registos profissionais, confirmam a inexistência de um dia de baixa; a velha professora, a causa da fobia da água, explicada pelos ensinamentos da “Century comics nº 117” como a fragilidade do herói.

Os adereços denunciam a qualidade invulgar das personagens. Não faltam a Elijah as roupas de cortes direitos e longilíneos, as próteses metálicas e o lilás como cor associada à personagem desde o momento em que a mãe o inicia no mundo da banda desenhada com a oferta de um livro embrulhado num vistoso papel vegetal desse tom, que o faz enfrentar o exterior e lhe oferece um imaginário como reduto possível. Menos caricatural do que a extravagante personagem de Elijah, David Dunne, que renunciou a uma provável brilhante carreira como futebolista e se ocupa da segurança de um estádio, veste um uniforme verde onde nas costas se lê em letras bem visíveis a palavra “Segurança” e usa um oleado de plástico que o cobre da cabeça aos pés e cujas formas não andam nada longe da capa de super-herói. Repare-se no plano de David vigilante, à chuva, de costas para a câmara, enquadrado pela ombreira em abóbada de uma entrada do campo de futebol. Ou em toda a sequência da “prova”, quando, sempre envergando o fato completo, David domina um *serial-killer*, quase se limitando a permanecer sobre os ombros dele e imperturbável perante as marcas que o seu corpo vai deixando na parede. Mas, sobretudo, na sequência imediatamente seguinte, cumprido o salvamento dos inocentes e a dominação do criminoso, quando, já em casa, David pendura o oleado num movimento que a câmara segue lentamente e de perto, acompanhando em seguida uma lenta subida pelas escadas que conduzem ao quarto até onde ele carrega a mulher ao colo.

O super-herói está ciente dos seus super-poderes. Excluindo a mulher desse pacto, o que mantém, pelo menos, a faceta dupla de homem vulgar / super-herói, David não prescinde de ser super-herói aos olhos do filho e confirma-lhe a certeza das suas suspeitas, fazendo-o ler, de forma cúmplice, o jornal com a notícia dos seus feitos e o retrato desenhado da sua personagem. O que acontece no mesmo sítio da casa onde se dá o confronto mais dramático, com o filho disposto a disparar sobre o pai para lhe provar a sua invulnerabilidade, e em rima com a sequência da “revelação”, na cave, durante o treino físico de David, que levanta alteres cada vez mais pesados, aceitando o “jogo” que o filho lhe propõe. A “super-aura”, que já imana da cara de Bruce Willis sob a forma de incrédula inexpressão na sequência do acidente de comboio, cola-se-lhe ao corpo durante a queda na piscina coberta que precede a perseguição ao *serial-killer*, de onde consegue sair sem se afogar, entre o plástico escuro da cobertura, o verde do oleado e as bolhas de água que o puxam para baixo. Se continuará ou não a salvar o mundo, se aguentará o peso da última descoberta, fica por se saber.

Maria João Madeira